

Abraão sabe o que importa

Gênesis 21,22-34¹

Prof. Dr. Milton Schwantes

RESUMO

Esta unidade de Gênesis 21,22-34 situa-se na continuação do cap.20, não só no que toca à presença de Abimeleque e Picol/Ficol, ambos conhecidos do cap.20. Esta relação entre a ameaça a Sara, no cap.20, e a cena no poço de Beerseba também se encontra no cap.26, mas em outra seqüência. Esta unidade de Gênesis 21,22-34 situa-se na continuação do cap.20, não só no que toca à presença de Abimeleque e Picol/Ficol, ambos conhecidos do cap.20. Esta relação entre a ameaça a Sara, no cap.20, e a cena no poço de Beerseba também se encontra no cap.26, mas em outra seqüência. Esta duplicata do cenário junto ao poço de Beerseba, em 21,22-34 e

ABSTRACT

This part of Gênesis 21,22-34, is found in the continuation of chapter 20, and is not only on what concerns the presence of Abimelec and Picol/Ficol, both known from chapter 20. This relation between the threat to Sara, on chapter 20, and the scene on the Beerseba well, also is found on chapter 26, but in another sequence. This duplication of the scenary near Beerseba well, in 21,22-34 and 26, points on one hand, how important it is to have an access to the well and the water, and on the other, demands that one should ask which of the two texts is the oldest. The water and the access to it is the decisive theme in order to live in the south-palestine arid lands. It is almost the same

¹ Veja Claus Westermann, *Genesis*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1980 [Biblischer Kommentar Altes Testament 1/2] (veja o comentário a 21,22-34); veja também Milton Schwantes, "Não estendas tua mão contra o menino' - Observações sobre Gênesis 21 e 22", em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Editora Vozes, vol.10, 1990, p.24-39.

em 26, indica, por um lado, quão importante é o assunto do acesso a poços e à água, e, por outro lado, como que exige que se pergunte qual dos dois trechos é o mais antigo. Água e acesso a ela é o tema decisivo para viver nas terras áridas sul-palestineses. É quase da mesma relevância que a sobrevivência de filhos, como se lê em dois trechos dos caps.21-22, em 21,8-21 e em 22,1-19.

Palavras-chave: Água, relação, unidade

importance as the survival of children, as it is read in the two texts of the chapters 21-22, in 21,8-21 and in 22,1-19. Water is vital! Is what we'll going to read:

Key-words: Water, Relation, Unity

INTRODUÇÃO

Esta unidade de Gênesis 21,22-34 situa-se na *continuação do cap.20*, não só no que toca à presença de Abimeleque e Picol/Ficol, ambos conhecidos do cap.20. Esta relação entre a ameaça a Sara, no cap.20, e a cena no poço de Beerseba também se encontra no cap.26, mas em outra seqüência. Esta duplicata do cenário junto ao poço de Beerseba, em 21,22-34 e em 26, indica, por um lado, quão importante é o assunto do acesso a poços e à água, e, por outro lado, como que exige que se pergunte qual dos dois trechos é o mais antigo. Água e acesso a ela é o tema decisivo para viver nas terras áridas sul-palestineses. É quase da mesma relevância que a sobrevivência de filhos, como se lê em dois trechos dos caps.21-22, em 21,8-21 e em 22,1-19.

Água é vital! É o que passaremos a ler:

1 - TRADUÇÃO LITERAL

²²E aconteceu, naquele tempo.

E disseram² Abimeleque e Picol, o comandante de seu exército, a Abraão ao dizer: “Deus [está] contigo em tudo o que tu fazes³.”

² Literalmente “e disse” (singular!). Veja v.32.

³ Literalmente “fazendo”.

²³E, agora, jura-me em Deus: ‘Eis, não mentirás nem a mim, e nem a meu filho, e nem a meu neto. Conforme a solidariedade, que fiz contigo, farás comigo e com a terra, em que foste estrangeiro’.” ²⁴E disse Abraão: “Eu juro!” ²⁵E repreendeu Abraão a Abimeleque, por causa do⁴ poço de água, que os súditos⁵ de Abimeleque haviam roubado⁶. ²⁶E disse Abimeleque: “Não sei⁷ quem teria feito essa coisa⁸ - e nem tu me avisaste, e nem eu ouvi a não ser hoje”. ²⁷E tomou Abraão ovelha⁹ e boi. E deu a Abimeleque. E eles dois acertaram um acordo¹⁰. ²⁸E pôs¹¹ Abraão sete pequenas ovelhas¹² separadas¹³. ²⁹E disse Abimeleque a Abraão: “O que [significam], aqui, estas sete pequenas ovelhas que puseste separadas?” ³⁰E disse: “Eis que, as sete pequenas tomarás de minha mão, a fim de que me seja para testemunho, de que cavei este poço”. ³¹Por isso, chamou-se¹⁴ aquele lugar de Beerseba, pois ali ambos juraram. ³²E acertaram um acordo em Beerseba.

E se ergueram¹⁵ Abimeleque e Picol, o comandante de seu exército. E retornaram para a terra dos filisteus. ³³E plantou¹⁶ uma tamargueira em Beerseba. E invocou ali o nome de Javé, o Deus de eternidade. ³⁴E viveu Abraão como estrangeiro na terra dos filisteus, muitos dias¹⁷.

⁴ ‘al’ *’odot* tem o sentido de “por causa de”.

⁵ ‘*abdim* (< *’ebed*) são “escravos”, talvez no sentido de “ministros” ou aqui de “súditos”.

⁶ A raiz verbal *gsl* *kal* expressa “arrancar”, “tirar (à força)”.

⁷ A rigor: “não soube”.

⁸ Ou “este assunto”, “esta palavra”.

⁹ A rigor, *ḡo’n* se refere a “ovelhas” e “cabritos”.

¹⁰ A expressão *krt berit* significa “cortar um acordo”. Veja abaixo Gênesis 17.

¹¹ A raiz *nzb* significa, no hifil, “pôr”, “colocar”.

¹² *kibsot ha-ḡo’n* são, a rigor, “sete pequenas ovelhas das ovelhas”.

¹³ Literalmente “à parte deles/delas”.

¹⁴ A rigor, trata-se de um *qal* de *qr’* no sentido de “chamar”.

¹⁵ A rigor o verbo está no singular “ergueu-se”. Veja v.22.

¹⁶ *nt’ qal* “plantar”.

¹⁷ “Dias” no sentido de “anos”.

1.1 -O texto em seu tempo

Há dificuldade em datar este trecho. As opções variam na fixação da datação desta duplicata de 26,26-33, onde os conteúdos, contudo, dizem respeito a Rebeca e Isaque.

Pode-se optar pela precedência temporal de nossos versículos. Mas, também, se pode atribuir a anterioridade ao cap.26. Sou dos que preferem a precedência de 26,26-33. Neste cap.26, temos uma unidade específica sobre Rebeca e Isaque, que se interpõe ao fluxo narrativo de 25,19-34 + 27,1-46 (sobre a disputa pela primogenitura entre Jacó e Esaú). Nesta narração sobre Rebeca e Isaque no cap.26, tanto a memória sobre Rebeca (v.1-11) quanto a sobre o poço em Beerseba precedem à data da escrita em 20,1-18 e sua continuação em 21,22-34. Um dos motivos principais reside em que no cap.26 os assuntos são mais numerosos, sendo, pois, 20,1-18+21,22-32 só uma parte, um excerto do cap.26 e não o inverso.¹⁸

De acordo a esta linha de argumentação, estamos, pois, em tempos pós-exílicos tanto no cap.20 quanto em relação a nosso episódio junto ao poço. Afinal, naqueles tempos Judá disputava sua presença no sudoeste de Judá, no Neguebe, entre Beerseba e a terra dos filisteus (Gaza).

Esta região era a seu modo atribuída a Judá, desde os tempos das peregrinações de Sara e Abraão (12,9!). Nelas, Hebrom e Macpela, em suas imediações, bem como o Neguebe, a oeste e leste de Beerseba, são caracteristicamente terras abraâmicas, judaítas. Mas, desde o final do 8º século e, em especial, também em tempos exílicos (veja o livro bíblico de Abdias), as terras no corredor comercial que, na altura de Beerseba, conectava as terras dos nabateus (ex-Edom) ao Mar Mediterrâneo. Sob tais condições, Beerseba não só era região relevante em tempos de Abraão e Isaque, mas principalmente tornou-se área de interesse comercial regional, envolvendo filisteus, judaítas e 'edomitas'/nabateus.

Neste ambiente conflitivo, foram esboçadas estas nossas estórias sobre a luta pelos poços no Neguebe. Uma delas está em nossa narração de 21,22-34, outras mais, no cap.26, sendo de todo modo 21,22-34 (e cap.20) posteriores ao cap.26.

¹⁸ Veja maiores detalhes de argumentação em Erhard Blum, *Die Komposition der Vätergeschichte*, Neukirchen, Neukirchener Verlag 1984, p.413-416 [Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament, 57]. Veja abaixo observações feitas a Gênesis 12,10-20.

Cabem, pois, em tempos pós-exílicos quando o Neguebe cada vez mais foi disputado entre judaítas e aqueles que usavam o Neguebe como conexão entre as terras edomitas/nabatéias, no sul da Transjordânia, e a beira-mar mediterrânica ocupada pelos filisteus. Este problema advém de séculos anteriores, quando os edomitas cada vez mais estendiam suas ocupações no Neguebe do oeste, como o indica a própria arqueologia.

Nestas disputas, nossas estórias, interessantemente, não assumem posicionamentos beligerantes. Antes tratam de falar bem dos filisteus e dos povos da Península da Arábia, descendentes de Hagar-Ismael. Portanto, os conteúdos das estórias justamente não re-afirmar as beligerâncias e guerras, mas buscam indicar soluções de paz.

É o que passaremos a ver nos conteúdos.

1.2 - Fontes?

Para quem as fontes literárias, aqui em especial J/javista e E/elohista, são chaves de explicação literária de um conjunto como o nosso, tende-se ou tendia-se a ver presentes a ambas as fontes, nestes nossos versículos. Dizia-se, por exemplo, que os v.22-24.27.32 formariam uma unidade, e os v.25-26.28-30.31.32 seriam outra, sendo uma de J e outra de E, contudo sem que se esteja de acordo quanto à pertença de que versículos a que fonte, o problema está em que assim se obteriam somente fragmentos.

Já, por isso, sugiro que novamente evitemos, também aqui, uma solução por meio da hipótese literária de fontes. Outra explicação me parece mais convincente. E ela parte de Gênesis 26, como sendo a origem de nosso cap.20 e de sua continuação: a presente unidade de 21,22-34. Atribuindo, pois, maior antiguidade ao cap.26, pode-se classificar melhor tanto nossos v.22-34 quanto as narrações sobre Sara em Gênesis 12,10-20 quanto em Gênesis 20, ambas dependentes de Gênesis 26. Contava-se, pois, primeiramente de Rebeca e de seu rapto para incluí-la em um harém. Depois passou-se a atribuir a mesma cena também a Sara, primeiramente pela mão do deuteronomismo, em Gênesis 12,10-20, e depois pelos narradores das estória no ciclo do Neguebe, nestes nossos caps.20-22.

Logo, não haveria que associar nossos v.22-34 a tempos pré-exílicos, mas a estórias de Sara e Hagar, Abimeleque e Abraão no exílio e pós-exílio.

Feita esta alocação de nossos versículos ao âmbito de origem dos caps.20-22, podemos passar a perguntar pela seqüência.

2 - SEQÜÊNCIA DOS ASSUNTOS

Na proposta da teoria das fontes, quis-se haver descoberto duas fontes. Há de fato 'dois' textos paralelos? Junto a esta questão, convém perguntar pela própria disposição do trecho.

Temos um título no começo do v.22a: "e aconteceu, naquele tempo". Não é de grande detalhamento, mas traça a abertura.

No que segue a este modesto cabeçalho, no v.22a, temos um texto em seqüência, sem maiores rupturas. Não carece de uma hipótese de vários documentos.

Nos v.22b-24, encontramos conteúdos correlacionados. As palavras de Abimeleque (e Picol) perfazem os versículos, agregadas do juramento de Abraão; Abimeleque requer um juramento de solidariedade a ele, e este o concede.

Nos v.22b-24 a iniciativa era de Abimeleque; nos dois versículos que se seguem, v.25-26, Abraão toma a frente. O assunto difere do tema dos versículos anteriores, mas sem estar em tensão literária com aqueles; a Abimeleque interessara a "solidariedade" de Abraão. A este um poço! Abraão afirma haver sido roubado dele pela gente de Abimeleque. Mas, este diz nada saber do assunto.

Logo, o tema precisa continuar, a fim de que Abimeleque 'saiba' deste assunto do poço. Abraão o 'informa', mas de tal jeito que, nas negociações, também o atropela: v.27-32a. Por isso a seqüência do v.27 para os v.28-32a, à primeira vista, parece estranha. Mas, a rigor, este não é o caso: pois o v.27 diz respeito a um acordo geral, como se lê no final deste próprio v.27 ("acertaram um acordo"); dele é derivado o assunto específico dos v.28-30, mediadas por sete ovelhas separadas (o que não é o caso no v.27!). Nestes versículos, não só se realiza, pois, um acordo em geral (v.27), mas um acordo sobre o poço em Beerseba: as sete ovelhas separadas são "testemunho de que cavei este poço" (v.30a). O v.31 conclui justamente este assunto das sete ovelhas, enquanto que o v.32a parece-me ser um fechamento que inclui o v.27.

Os v.32b-34 encerram o cenário, o que vem desde o v.22 e(!) o que é cena desde o cap.20. Claro é que suas últimas palavras, no v.34b (“muitos dias”), remetem de volta ao v.22 (“naquele tempo”). Há, pois, referencia entre começo e final. - O v.32b igualmente remete aos inícios. Lá “Abimeleque e Picol, o comandante de seu exército disseram”, a rigor não ‘chegaram’, porque, ao se situar no prolongamento do cap.20, ambos já estavam presentes. Abraão realiza, no final do cenário, ações típicas: plantio de uma árvore memorial e de oração (veja já em 13,18). Ambos, Abraão e Abimeleque, retornam à “terra dos filisteus” (v.32b e v.34).

Não vejo, pois, necessidade de segmentar os v.22-34 em várias unidades literárias. Suas peculiaridades se explicam sob consideração dos conteúdos intencionados, como veremos a seguir.

2.1 - Conteúdos – “e acertaram um acordo”

Ao enfocar conteúdos, irei observar também as alterações que nossa unidade em 21,22-34 realizou em relação a seu texto de origem que está no cap.26. Afinal, conteúdos expressam também diferenças.

Igualmente é relevante estar atento às peculiares de linguagem destes nossos versículos, pois foi sobre elas que se assentou longo debate sobre a hipótese das fontes.

No mais, sigo às parcelas de texto identificadas como específicas nos itens de acima.

Um quase-título (v.22a) - e uma correspondente conclusão (v.34)

Já víamos que o título (v.22a – “e aconteceu, naquele tempo”) é pouco definido. Afinal, esta nossa nova cena, a rigor, ainda se situa nas proximidades do final do cap.20, ao qual dá seguimento. Mas elaborada é a conclusão (v.34), pois esta, além de fechar nossa unidade, parece dizer respeito também ao cap.20 (“e viveu Abraão como estrangeiro na terra dos filisteus, muitos dias” v.34).

O v.22a indica o texto que lhe segue - os v.22b-34 - como episódio (“e aconteceu”), por isso, suas palavras são poucas. O “tempo” referido aí no v.22a. é ‘et

A expressão “muitos dias” (v.34b) difere, pois falta-lhe a relativa abstração de o “tempo” do v.22a. “Dias” resultam em meses e anos. E quando

são “muitos” têm características de “todos”, de plenitude, pois. Até chama a atenção que este Abraão, que acabara de tomar posseção de um poço em Beerseba, portanto em terras de Judá, ainda permaneça no ‘exterior’. Ao invés de permanecer junto ao que era seu, o poço de Beerseba, fique “na terra dos filisteus”! Ao invés de ser morador junto ao seu permanece ‘estrangeiro’. Este detalhe interessante, de todo modo, não se justifica a partir do cap.26, pois lá não consta. Sua razão está no próprio texto de 21,22-34. E aí reforça a intenção da unidade em indicar que, *ao viver entre os povos*, Israel goza de proteção e respeito (cap.21, veja também cap.23). O que observamos no final, no v.34, também no início, nos v.22-24.

“Não mentirás” - (v.22b-24)

Em perigo se encontram um rei (Abimeleque “o pai é rei”) e seu “comandante militar” (Picol)! Ambos requerem proteção de diante de Abraão, um ‘estrangeiro’ (v.24 e 34!)! Que estranhas relações: um ‘estrangeiro’ em maior segurança que um rei e seu generalíssimo! Que inversão!

Sim, os conteúdos são mesmo mui estranhos. No final do v.22, rei e comandante constatarem bênção, bem-estar e sucesso em Abraão, literalmente “em tudo o que tu fazes”, o que, por sua vez, significa, no concreto, que “Deus – contigo!”. As bênção testemunham, pois, da fidelidade de Deus.

Diante deste homem abençoado, Abimeleque pede por proteção (v.23): “não mentirás”! As bênções abraâmicas são um perigo a seu entorno, porque este Abraão mostrou poder ser desleal (no cap.20), colocando em perigo todo um povo. Foi xqr..... Pode não vir a ser ‘solidário’. O pedido do rei filisteu para que Abraão tenha “solidariedade” é idêntico a que “não minta”. Ao mentir sobre a identidade de Sara, no cap.20, pôs em perigo a seus interlocutores (Abimeleque e Picol), sua casa e “a terra”, o país dos filisteus.

Aqui estamos, pois, diante de uma inversão que, aliás, continua pelos próximos versículos. Não são os filisteus que ameaçam a Abraão, mas este a aqueles! É desta posição inusitada que a descendência de Sara e Abraão precisam dar-se conta, senão põem os povos a perigo. A descendência de Abraão precisa voltar-se a esta tarefa de “solidariedade” com as nações. Pois, não é Abraão que está em insegurança, ao ser ‘estrangeiro’ entre as nações, os estrangeiros, mas são estes os que hão de tremer!

E Abraão, este personagem pós-exílico em meio aos povos, diz sim ‘a sua surpreendente tarefa: “eu juro”!

Esta me parece uma linguagem clara e mui inusitada! E ela se prolonga por nossa perícope...

2.2 - “Fizeram um acordo” - “Cavei este poço!” - (v.25-32a)

Ainda que nos v.22b-24 as palavras tenham sido as de Abimeleque, seus conteúdos realçavam a Abraão, como víamos. A mesma tendência temos nos versículos que seguem, v.25-32a, nesta *parte central* do episódio.

Poder-se-ia postular certa autonomia para os v.25-26. Mas, tal abordagem se desrecomenda. Afinal, o assunto é o mesmo ao dos versículos subseqüentes, do *poço!* Estes v.25-26 integram, pois, do núcleo temático da unidade.

Dizíamos que a partir do v.25 continua a tônica dos v.22b-24. E é mesmo! Lá Abimeleque estava a obter a verdade e a solidariedade de Abraão. O tom forte, conflituoso, provinha, pois, de Abraão. Também a partir do v.25 é ele, Abraão, um ‘estrangeiro’ entre os filisteus, quem se coloca na perspectiva do conflito: “e repreendeu Abraão a Abimeleque!”. “Repreender” (*ykh hifil*) de fato leva esta tônica não só de chamar a atenção mas até de ameaçar com um processo.¹⁹ Além de similar, mas ainda mais ofensivo a este é outro verbo, com o qual Abraão incrimina aos “servos”/“súditos” do rei filisteus; chama-os de ladrões, pois sua ação é de “roubar”/*gsl*. Nestas cenas, Abraão é, de todo, senhor de si, e em muito, hegemônico em relação ao rei e a seu general.

Assim Abimeleque apela à sua inocência: “não soube”, “não foi informado”, “não ouvi” (v.26). Cada uma destas negações é introduzida, no hebraico, por *gam*, a partícula que sublinha e realça (“em especial”)²⁰ e não só adiciona (“também”). O v.27 dá seguimento ao detalhado apelo de inocência, reconhece-o implicitamente.

De todo modo, prevalece a pressa. E já, no v.27, chega-se rapidamente a uma resolução. E assim este versículo funciona como síntese; no começo da nova cena (v.27) se expressa o todo que, nos versículos subseqüentes,

¹⁹ Veja Gerhard Liedke, “Feststellen was recht ist”, em *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, Munique, Christian Kaiser Verlag, vol.1, 1971, coluna 730-732

²⁰ No caso, a tradução desta parte do v.26 é a seguinte: “e, em especial, tu não me avisaste, e, em especial, eu não ouvi”.

passa a ser detalhado. Enquanto Abimeleque como que ainda se situa em meio a um arrazoado de desculpas (v.26), Abraão já encerra as negociações: “e eles dois acertaram um acordo” (v.27b). Com isso, não mais que de repente, o caso, o *dabar*, está encerrado, sem que Abimeleque se tivesse recuperado de haver sido ‘repreendido’ e chamado de ‘ladrão’ (v.25). O acordo “foi cortado”, como o expressa o ‘perfeito’ hebraico. Aliás, antes disso “ovelha e boi” haviam sido repassados de Abraão a Abimeleque. O presente do acordo estava, pois, entregue. E este efetivado. O poço era, pois, de Abraão!

Nos v.28-29, iniciam as tratativas de um detalhamento do acordo já efetivado no v.27, e lá assignado com “ovelha e boi”. Agora já não se trata da pertença do poço, pois este já é de Abraão (v.27), agora, no v.28, o assunto é a origem do poço, sua escavação.

A mediação simbólica do acordo já não são as tais “ovelha e boi”, citadas no v.27, mas, agora, passam a ser as “sete pequenas ovelhas separadas”, repetidamente mencionadas (assim no v.28.29.30). Nos v.28 e 29, a ênfase recai sobre esta repetida expressão. Elas são colocadas por Abraão (v.28), sendo que a reação de Abimeleque não vai além da constatação do que diante dele fora posto.

Decisivo para a interpretação das “sete pequenas ovelhas separadas” é o v.30. E nele, não se usa o conceito “acertar um acordo”/“cortar um acordo” (v.27). O conceito é outro: as “sete pequenas ovelhas separadas” “me serão para testemunho”. Elas não efetivam simbolicamente um *berit* “acordo”, mas uma *edah* “testemunho”. E é, por isso, que há que distinguir entre a “aliança”/ *berit* do v.27, e este “testemunho”/ *edah*, no v.30. O “testemunho” se refere à obra de escavação do povo, como se lê expressamente no v.30b, enquanto que *berit* “acordo” diz respeito à posse do poço (v.27).

Estabelecida esta diferenciação, pode-se também presumir que o v.31 se refere a um dos conteúdos de nossa sub-unidade e o v.32a a outro. O v.32a (“e acertaram/cortaram um acordo em Beerseba”) remete para o v.27. Os v.27 e v.32a conformam, pois, o arco narrativo externo, enquanto que o v.31, ao remeter para v.28, consolida o tema iniciado no v.28. Não há, neste v.31, um termo/conteúdo que remeta expressamente para os assuntos do v.28-31. Mas, não resta dúvida que o verbo “jurar”/ *xb'*, relacionado, por sua vez, ao nome Beerseba/ *be'er xaba'*, no final do v.31, se relaciona ao assunto do “testemunho”.

Através do acordo firmado com Abimeleque, o poço é de Abraão e seus descendentes! Através do testemunho de ambos, acorda-se que o poço inclusive foi cavado por Abraão! Este é o duplo conteúdo dos v.25-32a. Abraão um semi-nômade, atento e sábio, leva a melhor sobre os senhores do sul-palestinense, os filisteus, sem que o acordo por ele alcançado seja raiz de intrigas; afinal, um acordo fecha a cena.

3 - “E VIVEU ABRAÃO COMO ESTRANGEIRO” - V.32B-34

Estes v.32b-34 encerram o cenário; neles inclusive há relação literária entre o v.32b e o v.34. Pois, o v.32b diz respeito ao retorno de Abimeleque e Picol a suas terras; e no v.34 se dá o mesmo com Abraão: ele segue os passos dos filisteus: de Beerseba retorna ‘a “terra dos filisteus”. Ambos acabaram de mostrar que poder conviver bem em terras do poço de Abraão (em Beerseba), e continuam a evidenciá-lo em “terras dos filisteus”.

O texto indica, pois, que a gente de Abraão, mesmo estrangeiro entre as nações, vive sob proteção, alcançando até a obter direitos, como no caso o do poço, ou, como no caso de Gênesis 20, o da mulher (Sara), considerando que o maior perigo, enfim, lhe veio das inverdades de Abraão. Logo, um texto como o nosso - pós-exílico - não enaltece só como segura a vida que se vive em terras próprias, judaítas. Os povos são abrigo. Por “muitos dias”, o que no hebraico não deixa de significar “todos os dias”, pode-se viver como estrangeiro, como diáspora.

Mas, a religião não deixa de requerer suas raízes (v.33). Não há que rejeitar a vida no estrangeiro. Mas também não há como substituí-la pela terra própria, aquela de Beerseba! Pois, lá está o nosso poço e a árvore especial (uma tamargueira) plantada por Abraão, e, como que, principalmente, ali está o local da oração/invocação a “o nome (de Javé)”, quer dizer da presença, do “Deus de eternidade”, um título de antigas origens, mas aplicado a Javé, aqui em tempos recentes, pós-exílicos. Que rica tensão exhibe esta teologia: por um lado remonta as primeiras raízes do encontro de pessoas com a experiência divina (junto a uma árvore!) e, por outro, se vale de um título, recente na história religiosa de Israel, o do “Deus eterno”. Aqui estamos diante da memória teológica de Abraão, bem como em tempos pós-exílicos, dias de nosso texto.

CONCLUINDO

É possível viver em terras estrangeiras e conviver com estrangeiros. Aliás, um Abraão, que ‘acabara’ de fazer-se usuário primeiro do poço de Beerseba, vai-se ao ‘exterior’, aos filisteus para lá viver, chama a atenção. Afinal, deveria ter permanecido junto ao poço sobre o qual acabara de adquirir direitos originários. Mas, prefere as “terras dos filisteus”!

Estamos, pois, não em tempos antigos, abraâmicos, mas em tempos recente, em dias de uma Sara e de um Abraão dispersos e vivendo em meio a outros povos. A vida em meio aos povos não só é ruína, é chance também. Não estamos, aí, junto às primeiras gerações pós-exílicas, mas quando por séculos já se havia experimentado a vida na dispersão. Aí Sara e Abraão se fazem símbolos desta vida, partilhada em terras estrangeiras, mas em um cotidiano de paz.

Reis são militares! Nosso trecho não o esquece. Sabe das condições adversas nas quais se vive no exterior. Mas reis e generais não controlam tudo, nem sem deveras sábios. Com agilidade de argumentos e rapidez de decisões é possível superá-los. O poço de Beerseba é apresentado como um exemplo. Estas tão tipicamente judaítas, até elas são de “Javé, o Deus eterno” porque Abraão foi um sábio negociador.

Prof. Dr. Milton Schwantes

É Doutor em Teologia e leciona na Universidade Metodista de São Paulo.